

RESENHAS

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os gregos, os historiadores, a democracia, o grande desvio*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. 354 p.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Edusc, 2004, 228 p.

*Pedro Paulo Abreu Funari**

O estudo da História tem contado com crescentes publicações de obras recentes, permitindo que o público brasileiro tenha acesso, em vernáculo, a reflexões aprofundadas. Os livros de Vidal-Naquet e Momigliano inserem-se nesse contexto, sendo úteis não apenas para os estudiosos da Antigüidade, como também de interesse para todos que se dedicam ao estudo da historiografia, seja aqueles que seguem disciplinas como Teoria ou Metodologia da História, seja qualquer leitor culto interessado na maneira com perscrutamos o passado. Ambos os autores tratam do diálogo constante entre a historiografia antiga e a modernidade, de forma a mostrar o quanto se ganha em profundidade, no estudo de uma e de outra, quando estamos atentos a essa interação.

Vidal-Naquet abre seu livro com uma reflexão sobre o estudo da Antigüidade na França, começando pelo surgimento dos estudos clássicos no século XVI, trilingües (latim, grego e hebraico), para centrar-se em nossa época, na qual visualiza uma oposição entre os que vêem descontinuidades entre a Antigüidade e nossa época e aqueles que enfatizam continuidades. Embora em cada campo haja uma imensa variedade, considera que, na primeira, as inspirações teóricas estejam

* Professor Titular de História Antiga, Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos, Universidade Estadual de Campinas.
E-mail: pedrofunari@sti.com.br

nos modelos sociológicos que enfatizam a coesão social (Durkheim, Weber), enquanto na segunda prevalece o conflito social (Marx). Vidal-Naquet e Momigliano, incluídos na primeira vertente, apresentam um quadro fascinante da historiografia, muitas vezes em explícita oposição à historiografia marxista atual. Ambos buscam a verdade e se afastam, de maneira explícita e deliberada, do subjetivismo de Hayden White. Vidal-Naquet, assim, encontra as oposições binárias do estruturalismo de Claude Lévi-Strauss nos documentos antigos:

O pensamento grego utiliza com frequência esses pares de opostos que Lévi-Strauss tornou familiares entre nós: a natureza e a lei, o masculino e o feminino, o cru e o cozido, os antropófagos e os vegetarianos. Desde que se abre um livro grego, vêm-se esses pares se multiplicar. (p. 105)

A partir dessa descoberta, os textos antigos são esmiuçados e lidos como uma pletora de oposições, como entre opinião (*gnóme*) e fortuna (*tykhe*). Segue a esteira de Finley ao tratar da democracia ateniense, na qual liberdade e escravidão eram correlatas e acrescenta o imperialismo como outro condicionante, o que o leva a assemelhá-la aos Estados Unidos como “República imperial” (p. 180).

Embora reconheça que a Antigüidade tem sido sempre reinterpretada e que tem servido a fins políticos, Vidal-Naquet conserva a certeza das verdades históricas, garantidas pela tradição dos estudos clássicos. Assim, recusa-se a considerar as origens orientais do mundo grego, ao condenar Martin Bernal, cuja obra teria sido recebida com condescendência por parte dos estudiosos, os quais ele reprova também por não defenderem a historiografia dos últimos dois séculos. Em tom pessimista e saudosista, lamenta que, hoje, “recuam os estudos clássicos”. O leitor fica com a impressão de estar diante de uma defesa de uma erudição conservadora, assediada por uma modernidade com demandas sociais e interpretativas consideradas anacrônicas, como o feminismo ou o anti-racismo. Vidal-Naquet, humanista e anti-racista, sempre preocupado em mostrar como o anti-semitismo afetou a cultura européia, acaba por defender a tradição historiográfica do século XIX e XX, perante as demandas sociais contemporâneas. Por quê?

Antes de tentarmos responder, convém seguir os passos de Momigliano. Como ressalta Riccardo DiDonato, no prefácio, Momigliano

também se insere na estrada da procura da verdade, mas volta-se, de maneira programática, para a interação entre Oriente e Ocidente, logo ao iniciar pelas historiografias persa, grega e judaica. Ressalta que havia um cenário cultural comum – dado pelo Império persa – que influenciou gregos e judeus, ainda que reconheça a especificidade da historiografia grega: a busca da verdade. Essa história grega foi aclimatada apenas pelos romanos. Momigliano insurge-se contra as generalizações, como ao criticar quem sustenta que Platão seria mais representativo da civilização grega do que Heródoto, ou que os historiadores gregos e romanos acreditavam em ciclos de acontecimentos humanos. Momigliano mostra como os pensamentos filobárbaros encontravam oposição nas elites gregas aristocráticas, mas revelavam a importância da investigação empírica, avessa ao conservadorismo. Admira o método crítico de Heródoto, ao não suprimir o que não pode entender ou corrigir. Seus críticos não foram capazes de apreciar seu humanismo. Tucídides, tão elogiado pelos pósteros, é apresentado como fundador da História Política, mas pouco humano.

Em seguida, Momigliano remonta a Heródoto e à erudição helenística para tratar da pesquisa antiquária moderna, com sua busca pelos usos e costumes, na forma da coleta de inscrições e objetos antigos. Lembra que os dois fundadores da Sociologia, Max Weber e Émile Durkheim, eram seguidores, respectivamente, de Mommsen e Fustel de Coulanges, ambos preocupados com as instituições antigas, antes do que com a História Política tucideana. Seu estudo sobre Fábio Píctor visa a demonstrar que, assim como entre os judeus, o gênero historiográfico surgia do influxo helênico. O capítulo sobre Tácito e a tradição taciteana analisa como, no decorrer dos séculos, o historiador romano serviu de modelo ou referência, por sua ambivalência, no julgamento político das elites e do poder. Como disse Guicciarini, “Tácito ensina os tiranos a maneira de ser um tirano e os seus súditos a como se comportar sob os tiranos”. Sua conclusão confirma a abordagem pluralista de Momigliano, ao afirmar que a Antigüidade não criou apenas um tipo de História, mas criou muitos tipos. Opõe os historiadores, preocupados com as mudanças, aos sociólogos, herdeiros do antiquariato, atentos ao estrutural e se pergunta se essa dicotomia História/Sociologia não deveria ser superada, para benefício do conhecimento tanto da permanência como da mudança no passado.

Vidal-Naquet e Momigliano compartilham muitos pontos de vista e valores: formação classicista, ênfase na cultura helênica, preocupação com a historiografia antiga e moderna, inserção na cultura judaica familiar, busca da verdade. No entanto, diferem muito no julgamento da tradição historiográfica moderna e sua própria época. Vidal-Naquet erige os estudos clássicos, em geral, e a vertente estruturalista na qual se insere, como portadores de uma erudição portadora de verdades, mas que já não preocupa as novas gerações. Os estudos clássicos, à maneira tradicional, declinam, e Vidal-Naquet apenas pode lamentar-se. Momigliano, por sua parte, combate as leituras canônicas dos estudos clássicos, as ortodoxias, as generalizações e a tradição historiográfica. Conclui seu volume com o agradecimento aos estudantes de Humanidades, pois permitiram que ele percebesse o quão limitada era sua visão usual. Mais do que uma gentileza, esse reconhecimento demonstra, como toda sua obra, uma valorização do outro, da diversidade, da pluralidade, e constitui um convite ao olhar crítico para o passado e o presente. Vidal-Naquet, não menos relevante para o estudo da Antigüidade, segue outra trajetória, mais preocupada com a defesa da ortodoxia da sua “escola de Paris”, o Centro Louis Gernet. De qualquer forma, as pesquisas historiográficas de ambos constituem referências tanto para os estudiosos do mundo antigo como, sem dúvida, para todos aqueles que se preocupam com a historiografia em geral. Ambos partem de pressupostos que, há duas décadas, têm sido muito criticados, no contexto do pós-estruturalismo ou do pós-modernismo nas Ciências Humanas. No entanto, ainda que não estejamos sempre de acordo com seus pontos de vista, permanecem como referências historiográficas obrigatórias para os que se interessam pela construção historiográfica do passado.